

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Moçambique

Leitor fluente e jovem adulto – 8º e 9º anos do  
Ensino Fundamental e Ensino Médio

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

---

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*<sup>2</sup>

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

*Depende de nós.*

<sup>1</sup> In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:  
Palavras-chave:  
Áreas envolvidas:  
Temas transversais:  
Público-alvo:

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

### ◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

### ◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

### ◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

### ◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

# JÚLIO EMÍLIO BRAZ

## Moçambique

Leitor fluente e jovem adulto – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Júlio Emílio Braz nasceu em abril de 1959. É mineiro da cidadezinha de Manhumirim, mas aos cinco anos foi morar no Rio de Janeiro, cidade que adotou como lar. É autodidata. Lê desde os seis anos e o aprendeu sozinho, com revistas de terror da Editora Vecchi, do Rio de Janeiro. Começou sua carreira escrevendo histórias em quadrinhos e hoje tem textos publicados em várias editoras no Brasil e em outros países. Mais tarde, começou a escrever livro de bolso de banguê-banguê sob 39 pseudônimos diferentes. Em 1986, ganhou o Prêmio Angelo Agostini de Melhor Roteirista de Quadrinhos e, em 1988, publicou seu primeiro livro infantojuvenil, *Saiguairu*, pela Atual Editora, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de Autor Revelação no ano seguinte. Escreveu roteiros para o humorístico *Os Trapalhões*, da TV Globo, e algumas mininovelas para um canal de televisão do Paraguai. Na Áustria, ganhou o Austrian Children Book Award, pela versão alemã do seu livro *Crianças na escuridão* (*Kinder im Dunkeln*),

e pelo mesmo livro também faturou o Blue Cobra Award, do Swiss Institute for Children's Book.

### RESENHA

Logo no início da obra, um aviso: os textos reunidos teriam sido adaptados dos diários e anotações de Antônio César Gomes Sobreira, folclorista e escritor. Esses contos populares moçambicanos são quase sempre introduzidos por um breve relato de como o professor Antônio ouviu a história pela primeira vez: da boca de Dona Marruca, meio maluca; de um aluno obstinado, preguiçoso e reticente, que jamais imaginou que um dia se tornaria um grande contador de histórias; de um amigo querido que perdeu o rumo por causa da paixão por uma mulher difícil... E assim descobrimos macacos mentirosos, coelhos espertíssimos e traiçoeiros, amigos pouco leais, um boneco de barro derretido pela chuva, um gato corajoso e compassivo, uma bela garota que nunca fala... Histórias de ensinamentos, a maior parte delas feita com a finalidade de preparar para a vida, que exige que sejamos verdadeiros, atentos e aler-

tas – porque a gente quase sempre se enrosca nas próprias mentiras e não pode dar-se ao luxo de ser ingênuo, já que vira e mexe aparece alguém querendo nos passar para trás. Ainda bem que podemos lançar mão da inteligência, para nos salvar dos apuros e dos desmandos de quem usa força bruta...

## COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

É apenas em suas considerações finais, na seção *Autor e obra*, que Júlio Emílio Braz nos revela que o tão citado professor e folclorista Antônio César Gomes Sobreira, narrador dessas histórias, não existe. Ora, não é o caso de nos sentirmos ludibriados: ao falar de Fernando Pessoa, nos lembra que existe, afinal, uma diferença entre um escritor (ou “fingidor”) e um mentiroso. Um contador de histórias, como diz o autor, pode até mentir, mas mente com estilo – finge para revelar significados. Ao optar por alinhar o livro sob o ponto de vista desse curioso heterônimo, Júlio nos remete à maneira pela qual as narrativas populares se conservam e se transmitem: recontadas por inúmeros indivíduos, que as adaptam às mais diversas circunstâncias e as transformam segundo sua imaginação, muito antes de porventura serem registradas por algum pesquisador curioso e obstinado. Embora a maior parte dos contos seja contada em prosa, em alguns casos o autor também transita pela poesia e chega mesmo a transformar uma das narrativas num curto e divertido texto de teatro. Durante toda a obra, há a preocupação em não apresentar esses contos como mera curiosidade folclórica: situa o leitor no panorama histórico, social e político de Moçambique, desfazendo mitos a respeito do continente africano. Porque contar histórias, longe de ser um gesto ingênuo, é um ato de resistência.

## QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** contos tradicionais.

**Palavras-chave:** África, Moçambique, astúcia, independência, revolta.

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, História.

**Temas transversais:** pluralidade cultural.

**Público-alvo:** 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura

1. O título já revela o lugar de onde as narrativas se originam: Moçambique. Pergunte a seus alunos o que eles conhecem a respeito do país. Será que sabem que também foi colonizado pelos portugueses e que os moçambicanos compartilham conosco o português como língua oficial?

2. Chame atenção para o pequeno texto logo nas primeiras páginas do livro, que informa que os contos adaptados e recontados foram extraídos dos diários e cadernos de viagens do “eminente filólogo, folclorista e escritor, professor Antônio César Gomes Sobreira”. O que vem a ser um filólogo? Peça a seus alunos que procurem se informar a respeito.

3. Leia com a turma a apresentação feita pelo autor, na qual Júlio Emílio Braz comenta que seu interesse pela África surgiu, antes de tudo, como uma busca pela compreensão de sua própria condição: afinal, diz ele, demorou até que se descobrisse negro, já que o Brasil é um “país onde para muitos, ao que parece, dizer que alguém é negro dá a impressão de ser algo feio, e, portanto, nos agarramos a toda uma infinidade de eufemismos”. Discuta essa afirmação: que eufemismos seriam esses? Quanto preconceito, mais ou menos velado, ainda predomina entre os brasileiros, tornando problemática a construção de uma identidade negra?

4. Ainda na apresentação, o autor assevera: “Não existe uma África. Coexistem num enorme continente incontáveis Áfricas e numa parte dela, pedaços que falam uma língua mais ou menos comum”. Diante da impossibilidade de dar conta da complexidade do continente africano, proponha que a classe divida-se em grupos e que cada qual realize uma pesquisa o mais completa possível a respeito dos países falantes da língua portuguesa, ou de algo próximo a ela: Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, Angola... reunindo informações históricas, geográficas e culturais.

5. Ao final do texto de apresentação, Júlio afirma que, desde as primeiras páginas de seu livro, mito e realidade se confundem. Discuta um pouco as questões colocadas pelo autor a propósito de mentira e verdade: quando elas se aproximam, se separam ou se confundem? Será possível falar

rigorosamente em “verdade” ou o que vemos aparece sempre sob um ponto de vista subjetivo e, portanto, pelo menos um pouco fantasioso?

## Durante a leitura

1. Algumas das narrativas de *Moçambique* fazem referência a cidades que de fato existem na África. Chame a atenção dos alunos para os mapas disponíveis ao final do livro e estimule-os a consultá-los durante a leitura.
2. Em muitas das histórias do livro, antes de iniciar a narrativa tradicional, o autor relata as circunstâncias em que Antônio Sobreira teria tomado contato com o conto pela primeira vez, criando uma estrutura de histórias dentro de histórias. Convide seus alunos a procurar notar a maneira como tais narrativas se articulam.
3. Enfatize os momentos em que o autor faz referência a acontecimentos da história de Moçambique, percebendo a relação que se estabelece entre tempo histórico e tempo mítico.
4. Estimule-os a notar semelhanças entre as narrativas do livro e outros contos tradicionais, contos de fada e fábulas que conheçam.
5. Peça que prestem especial atenção nos contos que são relatados através de um gênero diferente, como poesia ou peça de teatro. De que maneira a escolha da linguagem interfere na atmosfera do conto?
6. Proponha uma leitura em voz alta das narrativas em forma de poema, para que seus alunos possam atentar para sua sonoridade e cadência.
7. Solicite à turma que atente para as ilustrações do livro, procurando perceber a relação entre os textos e as imagens.

## Depois da leitura

1. Leia com seus alunos a movimentada biografia de Antônio César Gomes Sobreira, que aparece ao final do livro. Chame a atenção deles para a sua ativa participação em eventos sociais importantes.
2. Em seguida, também leia com a turma a seção *Autor e obra*, em que Júlio Emílio Braz finalmente revela que Antônio César Gomes Sobreira não existe. Entretanto, o autor procura estabelecer a distinção entre um poeta e um mentiroso, citando Fernando Pessoa, um dos maiores poetas de

língua portuguesa. Leia com seus alunos o poema *O fingidor*, a que o texto faz referência, e, depois, peça à classe que realize uma pesquisa a respeito do poeta e dos seus heterônimos, lendo poemas de cada um deles para a turma.

3. Proponha que seus alunos criem um escritor africano fictício. Sugira que, antes de qualquer coisa, eles lhe deem um nome e escrevam a sua biografia. Qual o seu país de origem? Em que época viveu? Quem eram seus pais? Quanto tempo ele estudou? Qual a sua personalidade? As viagens que fez? A sua profissão? Casou-se? Quais os títulos de suas principais obras? Deixe que se divirtam com a tarefa.

4. Agora é o momento do fantasioso personagem que criaram tornar-se um heterônimo: sugira que consultem outra coletânea de contos africanos (por exemplo, *Contos e lendas da África*, de Yves Pinguilly, publicado pela Companhia das Letras), escolham um conto de que gostem, o reescrevam e o recontem por meio de seu escritor-heterônimo, que deverá narrá-lo segundo sua visão pessoal de mundo, informando ao leitor a maneira como passou a conhecer a tal história (é claro que a verdade – “encontrei-a numa coletânea de contos” – é um tanto pobre... Estimule-os a usar a criatividade. Pode ser algo como: “um amigo, à beira da morte, chamou-me para dizer suas últimas palavras...”, ou “certa vez, perdi-me ao escalar uma montanha e encontrei um misterioso povoado...”).

5. A história *O coelho e a festa dos animais com chifres* é escrito em forma de texto dramático: sua compreensão, portanto, não se esgota apenas na palavra escrita. Apresente aos alunos a estrutura de um texto dramático (com rubricas, falas com o nome do personagem indicado). Divida a turma em dois grupos: cada um deles ficará responsável por ensaiar e montar a peça à sua maneira. Podem tanto optar por alguma forma de teatro de animação (com bonecos, sombras, ou outros objetos quaisquer) quanto por interpretarem, eles próprios, os personagens. Dê ao menos uma semana para que os grupos se preparem e marque um dia para a apresentação. Estimule-os a caprichar nos cenários, na sonoplastia e nos figurinos.

6. A linguagem escolhida acaba por determinar a atmosfera do conto como um todo, ressaltando elementos de humor, lirismo, dinâmica. Proponha que seus alunos escolham uma das histórias para

transpor para outra linguagem: um poema pode virar uma peça; uma peça; um poema...

7. A maior parte das narrativas de *Moçambique* tem animais como protagonistas: há um tom de humor marcante e uma estrutura parecida com a das fábulas clássicas que conhecemos. Sugira que visitem a biblioteca e procurem compilações de fábulas de contadores mais tradicionais, como Esopo e La Fontaine. Em seguida, proponha que enumerem algumas das características do gênero, a maior parte das quais também se encontra em *Moçambique*: as peculiaridades dos animais são utilizadas para evocar defeitos humanos; a relação entre dois animais remete à interação entre dois grupos sociais; narrativa alegórica com tom irônico/satírico etc.

8. Em boa parte das fábulas de Esopo e La Fontaine, após o final da história, o autor apresenta uma “moral da história”, pequeno texto, bastante conciso, em geral escrito em forma de poema, sintetizando o ensinamento em questão. Proponha que seus alunos, em duplas, escolham três dos contos do livro e elaborem para cada um deles uma “moral da história” inspirando-se nas das fábulas clássicas.

#### ◆ *nas telas do cinema*

Para refletir um pouco mais sobre a complexidade do continente africano, assista ao documentário *ABC África*, do consagrado diretor iraniano Abbas Kiarostami. Kiarostami viajou para Kampala (Uganda) a convite da ONU e durante dez dias

filmou as histórias de centenas de crianças e adolescentes cujos pais foram vítimas da aids, doença que já deixou 1,6 milhão de órfãos no país. Distribuição: Mais Filmes.

### DICAS DE LEITURA

#### ► do mesmo autor

*Um garoto consumista na roça*. São Paulo: Scipione.

*Desprezados F.C.* São Paulo: Saraiva.

*Lendas negras*. São Paulo: FTD.

*O riacho*. São Paulo: FTD.

*Pretinha, eu?* São Paulo: Scipione.

#### ► do mesmo gênero

*Contos de fadas russos*, organização de Aleksandr Afanas'ev. São Paulo: Landy.

*Contos de fadas indianos*, seleção de Joseph Jacobs. São Paulo: Landy.

*O mundo dos contos e lendas da Hungria*, de Elek Benedek. São Paulo: Landy.

*Contos populares da Angola*, organização de Viale Moutinho. São Paulo: Landy.

#### ► leitura de desafio

Sugerimos a leitura do livro *O fio das missangas*, publicado pela Companhia das Letras, que reúne contos de Mia Couto, um dos escritores mais importantes de Moçambique, cuja literatura é fortemente imagética e de grande lirismo. Em suas obras, Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa sob uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana.